



Ante o cadáver político dum cúmplice de assassinos!

O governo Domingos Pereira está agonisante, ou melhor, está morto. Contudo, é um cadáver que, por meras razões de ordem política, ficará em putrefacção no Terreiro do Paço até que se faça, segundo se diz, a eleição do novo chefe de Estado, visto que o sr. Teixeira Gomes caiu no desagrado do poder democrático, proprietário do regime.

O governo fica, para efeitos de pim-pam-pum político, a suportar as oposições esquerdistas que lhe vão malhar como em centeio verde, a-pesar de terem a certeza de que a sua pancadaria retórica não consegue galvanizar um cadáver. Ao ministério que agora cessou de facto cabem-lhe grandes culpas na situação dos que fôram deportados sem julgamento e na dos presos que, a-pesar de já terem sido entregues aos tribunais, ainda estão entregues à polícia e sofrendo as inclemências do seu enclausuramento nos calabouços das esquadras. O sr. Domingos Pereira deixa um mau testamento político, em que não se encontram motivos para o considerarem pessoa correcta e abundam os que demonstram que ele nunca quis cumprir a sua palavra, sempre que deliberadamente a empenhou.

A sua promessa sóbre a vindura dos deportados inutilizou-o moralmente, pelo que lhe agourentam um futuro político risonho e cheio das maiores prosperidades. E' pena que esse futuro que se anuncia com cōres tão optimistas seja enegrecido pelos cadáveres dos deportados que dormem na Guiné seu derradeiro sono.

Não sabemos se esta ideia fará massa na consciência do presidente agora defunto. Nada temos com as apreensões da consciência do sr. Domingos Pereira e tão pouco nos interessa inquerir se de facto ele, as sentiu. E' que a vida humana para o partido democrático, já antes da participação na guerra, constitui objecto de mercâncias. Naquele partido negocia-se com a vida do próximo com o mesmo sangue frio e a mesma naturalidade como se negocia em carneiros para o consumo da cidade. E o sr. Domingos Pereira é *persona grata* do partido democrático...

As declarações que o chefe do governo fez pouco depois de tomar posse, acerca das deportações e dos deportados, foram concludentes. Considerou as primeiras uma medida iníqua e violenta, medida que ele nunca seria capaz de tomar. Quanto aos deportados, quanto às vítimas dessa medida, iam ter a reparação que mereciam; seriam mandados regressar à metrópole onde aguardariam o seu julgamento, sendo postos na rua aqueles cuja inocência se demonstrasse e condenados aqueles que tivessem praticado os actos delituosos que as leis preveem e punem.

Não é demais ter hoje recordado essas promessas para a elas mais uma vez se amarrar o chefe do governo. Se, neste país, um homem público que faltasse aos seus compromissos fôsse responsabilizado pela sua versatilidade, o sr. Domingos Pereira ficaria, e para sempre, amarrado a um poste de ignomínia. Se qualquer de nós tomar um compromisso e a ele faltar, os prejudicados gritarão logo e justificada mente que não temos dignidade; que somos uns tartufos e uns trapalhões.

Mas é um chefe de governo que comete essa gravíssima falta moral, a sua consideração política aumenta, o seu futuro fica solidamente cimentado. Dai o verificar-se nos que ascenderam às grandes posições uma carreira política cheia de máculas, vergonhosas.

Diz-se que António Maria da Silva será o chefe do futuro governo. Sai o caixeiro e entra o patrão, com um contingente de marçanços. E' devido a estas infâncias que na Guiné alguns dos deportados dormem aquele sono donde não se acorda mais. Quanto tempo será preciso esperar para varrer do Terreiro do Paço estes ministérios que são umas vezes de criminosos e outras de cúmplices, pelo seu servilismo e pela sua insensibilidade moral?

Os socialistas e o governo alemão

BERLIM, 7.—O jornal "Germânia" considera indispensável a colaboração dos socialistas no novo governo e a participação nele dos populares com o sr. Stressmann.

CARTA DE ESPANHA

A falência burguesa e o fracasso da ditadura atiram o país para o caos económico e político

Madrid, 1 de Dezembro.—Mais do que as bravatas de Primo de Rivera e dos generais do Diretório, podem as circunstâncias sociais, económicas e, mesmo, políticas que vêm lançando o país para a maior desordem.

O «deficit» orçamental atinge actualmente a soma insolvel de 650 milhões de pescetas. A economia espanhola asfixia e as importações excedem um terço, talvez mais, do total das exportações. A crise industrial agrava-se, estando a maior parte das fábricas em laboração reduzida a três dias por semana.

Os próprios estabelecimentos bancários abrem sucessivas falências: já saltaram o Banco de Barcelona, Banco de Castela, Banco de Gijon, Banco Vasco e União Mineira de Bilbau.

Ao mesmo tempo, a crise política atinge um grau de perigosa acuidade, a-pesar da ditadura, do servilismo dos socialistas e repressão contra-revolucionária. O rei Afonso, inspirado pelos jesuítas, patrocinou a organização do partido político da ditadura, a "União Patriótica", que pretende substituir os generais na vida política do Estado. O início da vida política desta União notabilizou-se pelo escândalo: O seu presidente está gravemente comprometido na quebra fraudulenta de uma grande empresa Moderna.

Se bem que o rei e os generais sejam incapazes de debelar a tremenda crise que assobria o Estado, não lhes falta vontade de aniquilar toda a tentativa que não sirva a ditadura. As ideias revolucionárias, por exemplo, tomam incremento na mesma proporção do agravamento da situação económica e política de Espanha, a-pesar da repressão exercida pelos generais.

O terror militarista alastrá até perseguir as universidades, onde se vem precipitando um irreprimível movimento de protesto contra a guerra de Marrocos.

Este movimento, a princípio, apenas se limitava ao protesto contra os métodos pedagógicos promulgados pelo Diretório, os quais se caracterizavam pelo seu espírito reaccionário. Ultimamente, tomou um carácter profundamente político.

A propaganda dos estudantes universitários obstinava-se contra a guerra de Marrocos, «que desonra e arruina a Espanha e ultraja o povo do Riff, e esta guerra é o mais forte estimulante da revolta popular». Em face deste protesto, o Diretório começou persegundo furiósamente os académicos os quais foram presos ou expulsos, em grande número.

Segundo declararam várias personalidades afeiçoadas à ditadura, o movimento dos estudantes torna-se seriamente ameaçador para o futuro da monarquia, que deixou de contar com a preparação, competida naturalmente à mocidade académica, de uma cultura social e mental que assegure o domínio da burguesia inculta.

Rodolfo

Os mineiros belgas contra a redução de salários

Os industriais mineiros da Bélgica pretendiam reduzir o salário dos operários de cinco por cento.

Os operários, como é justo, opuseram-se à redução, entendendo lógicamente que os accionistas e proprietários têm mais largo fôlego para suportarem as dificuldades das grandes empresas industriais.

Devido à resistência dos mineiros, os patrões aceitaram um acordo provisório que vigoraria até 29 de Novembro último, a fim de se ganhar tempo propício a definitivas resoluções. Expirou, porém, o prazo sem que um acordo definitivo pudesse efectuar-se. Os patrões não desistiram da pretendida redução de salários e os operários, por sua vez, mantêm-se intransigentes na oposição.

Uma nova proposta acaba de ser feita pelos industriais: a redução de cinco por cento far-se-á, não sóbre o índice que regula o custo da vida, mas sóbre o preço fixo do carvão extraído. Por uma contemporização exquisita, só os militantes reformistas saberiam explicar claramente, os mineiros belgas, em vez de recusarem abertamente a proposta, pediram um prazo para reflectirem. Se, contudo o acordo se tornar impossível, o conflito desencadeia-se, arrastando a luta cerca de 200.000 operários.

Em prol da instrução

Um apelo para ser ouvido por todos os amantes da instrução do povo

A Assoção dos Trabalhadores Rurais de Aldeia Nova de São Bento recebemos o seguinte apelo, que pelo conteúdo que revela de dar à tão explorada classe dos campesinos o necessário pão do espírito, bem merece a atenção dos nossos leitores:

Tendo esta Assoção fundado uma escola, cuja frequência é já de 50 alunos, entre adultos e menores, vemo-nos a bracos com uma carência absoluta de livros de ensino, não só por não existirem à venda nesta aldeia, como porque—e o que é o pior—a pavorosa crise que a classe rural atravessa não lhe permite o desvio para esse fim de qualquer importância.

Por isso apelamos para todos os homens amantes da instrução popular, a-fim-de que nos auxiliem enviando-nos livros para as cinco classes de instrução primária, prestando assim um dos mais belos actos de solidariedade e simpatia pela tão esparsa classe dos campesinos. Todos os livros poderão ser dirigidos para a Assoção dos Trabalhadores Rurais de Aldeia Nova de São Bento. — A comissão administrativa.

"A Batalha" vende-se em todas as tabacarias

A Escola Moderna atacada por um espírito regressivo

O correspondente ou pseudo correspondente do *Correio da Manhã* em Madrid que se dissimula sob o pseudónimo de José de Portugal conta, com o espanto digno dum pele vermelha, que em Fuenlabrada, aldeia de 2400 habitantes, foi descoberta, e imediatamente encerrada pelas autoridades, uma escola do tipo que o grande pedagogo Francisco Ferrer fundou. Essa escola, reportando-nos aos insidiosos dizeres do correspondente, era dirigida por um anarquista, advogado em Barcelona, e mantida por um membro dum Ayuntamiento, omitindo o nome de outros. Omitimos por nossa vez a série de distlates que são a sua narração dos métodos de ensino daquela escola, estando, porém, convencidos de que se trata apenas dumha escola do tipo *laico*, destas que defendem os partidos e os regimes republicanos. Não vamos discutir o encerramento dessa escola, visto que é ponto assente em Espanha a supressão de todas as liberdades, incluindo a de ensino, mas não deixaremos passar em julgado os comentários feitos a Francisco Ferrer e à sua Escola Moderna.

A Escola Moderna de Barcelona nada tem com a semana sangrenta, visto que a guerra de Marrocos e o ódio aos jesuítas não fôram a tentativa que não sirva a ditadura. As ideias revolucionárias, por exemplo, tomam incremento na mesma proporção do agravamento da situação económica e política de Espanha, a-pesar da repressão exercida pelos generais.

O terror militarista alastrá até perseguir as universidades, onde se vem precipitando um irreprimível movimento de protesto contra a guerra de Marrocos.

Este movimento, a princípio, apenas se limitava ao protesto contra os métodos pedagógicos promulgados pelo Diretório, os quais se caracterizavam pelo seu espírito reaccionário. Ultimamente, tomou um carácter profundamente político.

A propaganda dos estudantes universitários obstinava-se contra a guerra de Marrocos, «que desonra e arruina a Espanha e ultraja o povo do Riff, e esta guerra é o mais forte estimulante da revolta popular». Em face deste protesto, o Diretório começou persegundo furiósamente os académicos os quais foram presos ou expulsos, em grande número.

Segundo declararam várias personalidades afeiçoadas à ditadura, o movimento dos estudantes torna-se seriamente ameaçador para o futuro da monarquia, que deixou de contar com a preparação, competida naturalmente à mocidade académica, de uma cultura social e mental que assegure o domínio da burguesia inculta.

Rodolfo

Mussolini execrado pelos trabalhadores ingleses

Com altisónânciâ anuciou Mussolini que iria a Londres representar «a maior das Itálias». Ao saberem disto intento, os operários ingleses aprestaram-se a receber o ditador com manifestações de desagrado, considerando-o um «indesejável», não devendo, por isso, demorar-se em território britânico. Mussolini, porém, desistiu à última hora de se mostrar ao povo de Londres, assim dispensando a «carinhosa» e «triunfal» manifestação de acolhimento. E foi pena que desistisse...

Em prol da instrução

Um apelo para ser ouvido por todos os amantes da instrução do povo

Os jesuítas nos "Mistérios do Povo"

Começa hoje a publicar-se em "A Batalha" um novo capítulo da grande obra de Eugénio Sui "Os Mistérios do Povo".

Esse capítulo que pode ser lido independentemente do resto da obra, constitui um bom documento contra a ação perniciosa dos discípulos de Loiola.

O presente capítulo, contém na sua 1.ª parte os seguintes episódios.

Paris no XVI século. — As almas do Purgatório. — A vinda das indulgências na igreja de São Domingos. — O confessionário. — O sistema de domesticar os homens, as mulheres e os cavalos. — Os senhores na orgia. — As pedreiras de Montmartre. — A Companhia de Jesus. — O juramento de Santo Inácio de Loiola e os seus dez discípulos.

A todos os nossos leitores recomendamos o nosso folhetim.

Notas & Comentários

Um «sedento» de asneiros

O Diário da Tarde, com um furor dicionarista em tudo digno das antigas mestras régias da província de Trás-os-Montes, analisando um apelo da Federação Corticeira afirma que dizer «sedento de pão e de justiça» é escrever tolice e desmarcada tolice. Para não ficarmos atrás do sueltista fomos a dicionário do sr. Cândido de Figueiredo e encontrámos, entre muitos, os seguintes significados de sedento, quando empregado em sentido figurado:

Sedento: Que tem grande desejo ou avidez.

Orá dizer que quem não tem pão o deseja avidez não é pronunciar tolice alguma. Quando se diz, o sueltista do Diário da Tarde como toda a gente tem no dito muitas vezes, sedento de justiça não significa que a justiça mata a sede, nem se depreende que ela seja um líquido capaz de substituir a água com vantagem. E quando se diz sedento de amor não se conclui que o mais nobre sentimento humano faça qualquer espécie de concorrência à cerveja Estral e às limonadas gasosas.

Estamos convencidos de que o arvorado professor de meninos pequeninos perdeu uma excelente ocasião de estar calado, tanto mais que não possui nem sequer o dicionário que possa tornar-nos sedentos de conversar com elle...

Todos os meios são bons...

Dário Nôvoa, que a Câmara Sindical do Trabalho recusou no seu seio atentas as suas afinidades políticas acaba de justificar duma maneira eloquente a decisão do organismo central do operariado citadino. Para vencer a eleição na junta de freguesia das Mercês, Dário Nôvoa não teve pejo em coligir-se aos monárquicos embora este pesasse muito nos seus pruridos jacobinos.

Dário Nôvoa provou com a sua ambição que nem só os jesuítas para atingirem os fins consideram bons todos os meios.

Notícia infundada

Carece de fundamento a notícia inserida no Diário de Lisboa da aceitação, por parte da classe dos barbeiros, da baixa de 30% nos salários. E' tão infundamentada aquela notícia quanto é certo saber-se que a Associação de Classe dos Operários Barbeiros acaba de revalidar as reclamações apresentadas em Outubro do ano passado ao patronato da respectiva classe.

Os capitalistas franceses sacrificam a Síria aos seus interesses particulares

A França sacrifica milhares de homens, das despesas formidáveis e afronta um povo que reclama a sua independência, para defender na Síria a «honra da pátria». E' que cultiva os criancinhas e as mais bárbaras superstições. Nessa Escola não se prega o ódio, nem se utilizava a criança para a transformar num fantoche servil e fanático. Os seus métodos de ensino tinham em conta a sua débil cerebração e defendiam-na de problemas que não podem ser abrangidos por crianças de tanta idade. A Escola Moderna não cria manequins de hipocrisia e de cobardia, preparava homens capazes de, por miliários esforços, transformar o meio social. Que o correspondente do *Correio* pretenda que o ensino em Espanha continua sendo monopólio de jesuítas e seja exercido por irmãos de caridade como se fez em todas as cidades daquele país, compreende-se, tendo-se em conta o seu espírito acanhado, atrofiado e regressivo. Agora calunie e até revela ignorância que é repugnante, revelando com isso a própria utilidade da Escola Moderna donde nunca poderiam sair criaturas vesgas e estúpidas e fanáticas e mentirosas como elle...

Verdadeiramente, são os interesses do capitalismo e da indústria que os soldados franceses impõem aos sírios revoltados. Comerciantes e industriais franceses, com a sua rapace actividade, ganharam na Síria um lugar proeminente, uma situação económica e financeira que lhes acumula riquezas. Os números das estatísticas comprovam facilmente o interesse do capitalismo francês em jugular os assomos de independência do povo sírio.

Durante o ano de 1924, a Síria exportou, por conta dos comerciantes franceses, seis e meio milhões de casulos e vinte e seis e meio milhões de fios de seda. No ano corrente, esperam os negociantes exportar seis mil caixas de algodão, quatrocentas toneladas de folhas de tabaco e inúmeras quantidades de trigo. Os lucros desta pirataria são fabulosos: cento e catorze milhões de francos denuncia a rúbrica das produtões exportados da Síria para a França.

No desenvolvimento da indústria francesa, os construtores de caminhos de ferro têm um largo futuro. Surge projectos maravilhosos: uma linha ferroviária de Beyrouth a Tripoli, outra de Beyrouth a Caïfaz e, ainda outras de Tripoli a Caïfaz e de Constantinopla ao Cairo!

Os industriais franceses que se deslocaram para a Síria, com a intenção de entrar em conta com a importância das suas acções, que o ditador fôr falso um dos principais factores da crise de trabalho tão aguda na indústria de torno-viagem, o Síndicato dos Tanoeiros de Vila Nova de Gaia, um dos principais centros industriais, resolveu reclamar junto do governo contra o vassilhame de torno-viagem. A reclamação não foi atendida, e os operários lançaram mãos do principal recurso—a greve, no dia 7 de Outubro. Isto é, há dois meses.

Há 60 dias que os tanoeiros firmes como um só homem lutam devidamente para que acabe o vassilhame de torno-viagem, para que se não permita a importação da cascara, anteriormente tão combatida pelos exportadores.

Na Penitenciária de Lisboa

Uma carta que põe em relevo os bárbaros castigos infligidos aos pobres reclusos

Continuamos a receber, quais diariamente, da Cadeia Nacional, conhecida também por Penitenciária de Lisboa, as mais aterradoras notícias sobre os castigos infligidos aos pobres reclusos. A carta que se segue reproduzimos é a mais clara demonstração da tragédia que se vive naquele estabelecimento prisional.

É-lia:

Senhor director de «A Batalha». — Porque não será inconveniente a divulgação de certos factos anômalos acontecidos na Cadeia Nacional, sobretudo no que concerne a sancões arbitrárias a presos, eu vos solicito a publicação destes.

O recluso nº 257 intentou há tempos escapar-se à tortura que só por si é o regime celular.

Malogrhou-se a tentativa e como a amargura do insucesso é costume adicionar o tormento físico e moral das celas fortes, foi assim.

São estas celas lugares asquerosos que alguns directores, contando o actual, num prurido fugaz de humanitarismo — o humanitarismo plático com que inflam suas afirmações e seduzem basbás — ensaiaram abolir de entre os instrumentos de repressão.

Na vigência do director actual, creio ter havido um certo espaço de tempo em que nenhum recluso habitou as ditas celas. Essa determinação, porém, breve foi letra morta como fôr efêmero o rebate de piedade.

Assim, em geral, uma fuga quer gorada, quer haja logrado êxito, acarreta aos autores uma trinta de dias em cela forte.

Pois o 257, mais os outros implicados, exípiam os 30 dias, no decorrer dos quais él experimentou dores de estômago de tal acuidade que um companheiro se prestou a fazê-lo chegar todos os dias um pão fino, visto atribuir seu mal ao pão fornecido pela cadeia, à data uma potreia intrágave.

Alguém que proclama sua intrepidez face às balas de papel, supoz no pão anódino a hidra — quicá um recurso a Ponson para nova tentativa... — e o 257 que coma a potreia. Há por modos uma parcela da Humanidade que não aveza direito de se queixar das visceras — que outra parcela pode tratar com extremos de solicitude, com frequência em detrimento de outros órgãos...

Um recluso, o Barreiros, compadecido e revoltado, escreve a *Batalha* protestando. A Penitenciária vem um enviado do jornal tirar o caso a limpo. Perante ele tudo são condescendências, protestos de benignidade o diabo a sete. A revindita, o desfôrgo reles, surgiu depois, expiados os 30 dias de cela forte, em outros 30 de cela de habitação que já está remido.

Porque mais éste castigo sobre tão áspera provação?

Porque — não vislumbro outra determinante — se protestou contra a desumana atitude da impávida criatura que zomba das balas de papel.

Para corçar — atentem bem nisto os mais reträctários à indignação! — chapeiam-se de ferro as portas das celas que, remido o castigo, irão habitar; obturam-se os respiadouros (isto uma tática reabilitação do Santo Ofício); revestindo desta arte a vigilância um aspecto inquisitorial, implacável — obsessão que alucina e sensação de perigo iminente que esfuria, pelo instinto inato de defesa.

Inutilizam os ventiladores da cela, onde se abafa no estio!

Eis um exemplo de barbarie industriosa que requer os emboras.

Assim lançados é natural um refinamento gradual destes processos até à perfeição absoluta. Manual, dado o «savoir faire» inigualável daquela fauna, desde já o repto prescindível.

E tudo isto, e tudo o mais, se pratica invocando a cada passo a Direcção, o Director, o Regulamento — o Regulamento que prescreve formalmente que o recluso prevaricador não deve permanecer mais de 14 dias na cela forte, e que uma vez reconhecida a necessidade de mais dura sanção, esta deverá ser arbitrada com o benéplácito prévio do ministro da Justiça.

E ponto por hoje.

J. MELO

A RENOVACAO VENDE-SE EM TODAS AS TABACARIAS

UMA SELVAJARIA VULGAR...

Ontem, perto da meia noite, quando João Mendes Pires, empregado ferroviário da C. P., se dirigiu para o seu serviço, foi, ali pelas alturas da rua Alves Correia, abordado por quatro polícias comandados por um chefe que, sem mais tirtschaft nem guarda, lhe deram voz de prisão. Com o mesmo desplante e como se não bastara a violência da prisão injustificada, os quatro «mantenedores da ordem» agrediram-no selvagemente a «casse-tête», só depois o deixando seguir o seu caminho.

O agredido não pôde conhecer os seus agressores, sabendo apenas que dois dos polícias trajavam à paisana e o chefe usava pa.

Sinal dos tempos... em que outra coisa se não pode esperar dum polícia recrutada de entre «apaches».

E continua...

TEATRO NACIONAL
HOJE
ULTIMA NOITE
COM A MELHOR COMEDIA
AS DUAS METADES

ÁMANHÃ
Reprise da sensacional
SEVERA
em que ESTER LEÃO
interpreta
para protagonista

AS DUAS METADES

e das res...

Serviço de trens de aluguer

A Associação de Classe dos Proprietários de Trens de Aluguer submeteu à apreciação da Câmara Municipal de Lisboa a seguinte tabela de preço de trens de aluguer que aquela instituição aprovou por unanimidade:

TABELA N.º 1 — Primeira hora, 18'00; por cada hora seguinte, 12'00; por cada meia hora a mais ou fração depois das primeiras horas, 9'00; idem depois das 3 primeiras horas, 6'00. Qualquer tempo de serviço além de 15 minutos é para todos os efeitos considerado como meia hora e quando não excede a meia hora e seja dado por terminado fora da área da cidade, o alugador terá de pagar o retorno do carro pelo preço dumha corrida, desde que não tenha sido feito ajuste especial.

TABELA N.º 2 — Serviço de corridas por zonas — Pôr a todos os teatros no centro da cidade até ao Tivoli, praça da Alegria, praça Luís de Camões, cais do Sodré, cais da Arcada, Madalena e largo do Intendente, 5'00. Conde Barão, praça das Flores, praça Rio de Janeiro, praça Brasil, praça Duque de Saldanha, Estrela, etc. até ao fim da avenida Almirante Reis, 10'00. Graça, Alto do Pina, Santa Apolónia, Arieiro, Campo Pequeno, Campolide, Campo de Ourique, Estrela, Lapa e até as antigas portas de Alcântara, 15'00. Santo Amaro até ao Depósito do Ultramar, à Junqueira, Campo Grande e Jardim Zoológico, 20'00. Belém e Ajuda, 25'00. Poco do Bispo, Lumiar, Benfica e Algés, 30'00.

Serviço de cais ou de estações — O serviço de cais ou de estações não será considerado como corrida mas sim como hora de serviço, sendo a bagagem transportada gratuitamente quando o seu peso não seja superior a 30 quilos; sendo o peso superior a este e até 60 quilos, será o preço do aluguer do trem acrescido de 5'00. Quando o peso seja superior a 60 quilos, é atração especial.

Corrida de retorno — Quando o trem se dirigir para o centro da cidade e não leve sinal de impedimento, o alugador pagará: dentro da antiga área, 5'00; dentro da nova área, 10'00. Diz-se corrida o serviço de transporte dum ou mais pessoas dum ponto ao outro da cidade sem parar no caminho e, ainda quando havendo paragem a não seja ordenada pelo alugador.

Esta tabela é aprovada com a seguinte alteração acerca do serviço de cais ou estações apresentada pela comissão de posturas:

O serviço de cais ou de estações não será considerado como corrida mas sim como hora de serviço, sendo gratuito o transporte de bagagem que não excede o peso de 30 quilos; e quanto ao segundo, que igualmente mereceria a nossa aprovação das respectivas tabelas, eliminando todavia o que se propõe no respeitante a «serviços para fora de Lisboa» e devendo substituir-se o que está subordinado à epígrafe «Suplementos»: «É gratuito o transporte de bagagens cujo peso não seja superior a 30 quilos.»

APOLO

Efectua a sua festa artística na noite de 10 de magnífico artista Alves da Cunha, (subindo à cena o explêndido drama de Zola à TABERNA.

Centenário da Régia Escola de Cirurgia

Em comemoração do 1.º centenário da fundação da Régia Escola de Cirurgia de Lisboa realizam-se hoje as seguintes solemnidades:

A's 9 horas — Visita clínica pelo professor David Pinto de Moraes Sarmento, ao Hospital de Doenças Infecto-Contagiosas, ao Régio. Esta visita realiza-se todos os dias, à mesma hora, excepto aos domingos e dias feriados.

A's 10 horas — Lição pelo professor Roberto Chaves: «Estado coloidal e fisiologia da céu...» — Anfiteatro do Instituto de Fisiologia da Faculdade.

A's 10,30 horas — Consulta do professor Gama Pinto — Instituto Oftalmológico.

A's 11,30 horas — Lição pelo professor D. Tomás de Melo Breyner: «A Terapêutica moderna da sifilis» — Anfiteatro do Instituto de Fisiologia.

A's 17 horas — Conferência pelo dr. Carvalho Dias: O professor Tomás de Carvalho — Mesmo anfiteatro.

A's 21 horas — Conferência pelo professor Silvio Rebelo: «Os factores bioquímicos e equilíbrio vegetativo» — Anfiteatro do Instituto de Farmacologia da Faculdade.

Récita dos médicos

Possuem com a maior actividade os ensaios da revista *Medicina Caisseira* que os ilustres clínicos Xavier da Silva e José Fernandes escreveram e que o dr. Duarte da Silva, bom médico e bom músico, recheou de música agradabilíssima.

A revista é uma deliciosa charge de assuntos médicos susceptíveis de serem compreendidos por todo o público, e será levada a efeito num dos nossos primeiros teatros no próximo dia 18 do corrente.

Entre os médicos que tomam parte na representação, citaremos os nomes dos drs. José Fernandes, Manuel Magno, Carlos Santos (filho), Sousa Pereira, Roberto Chaves, Francisco Seta, Sá Teixeira, Carlos Godoy, Formosinho Sanches, Dias Coelho, Pina Junior, Carlos Novais, Salter Cid, Couto Viana, Vitor Fontes, Simões Raposo, Raul Faria, José Pictor, Mota Capitão, Vargas Moniz, etc., e bem assim um grupo de médicos distinções de Lisboa.

A marcação de bilhetes pode desde já fazer-se na Faculdade de Medicina, Campo dos Mártires da Pátria, todos os dias, das 21 às 24 horas, período em que se realizam os ensaios.

O produto da récita é para fins de beneficência, da própria classe médica.

OS QUE MORREM

Sebastião Ferreira

Sebastião Ferreira, o novel tipógrafo tão querido da classe tipográfica finou-se no domingo, após um prolongado sofrimento. Sebastião Ferreira trabalhava no quadro tipográfico do jornal *O Díario* onde era muito estimado pelos seus companheiros de trabalho.

A tuberculose, a cruel doença que vitimou os componentes da laboriosa classe tipográfica, vitimou o jovem trabalhador que há cerca de 4 meses estava sendo auxiliado pelos seus camaradas de profissão. Cuidados de amigos, atenções de camaradas, tudo foi infrutífero, tudo foi inútil. O bárbaro bacilo de Koch prostrou-o para sempre, deixando os seus amigos na mais profunda desolação.

O funeral de Sebastião Ferreira realizou-se ontem, para o cemitério oriental. Nele fizeram-se representar a Associação de Classe dos Compositores Tipográficos por Ernesto de Carvalho, e os quadros tipográficos dos seguintes jornais: *A Batalha*, por Luís Gomes Adão; *Díario de Notícias*, por Tomás de Aquino; *Novidades*, Júlio Silvâo dos Santos e Leonel da Silva; *Mundo João*, Pereira, João Camacho e Luís Pinto Rebate, José Ermida; *Díario da Tarde*, Basílio das Neves; e pelo quadro da Biblioteca Nacional, Joaquim Rodrigues Castelo.

O Díario fez-se representar pelo sr. Luís Figueiras.

Franz Hub

Faleceu ontem vitimado por uma tuberculose pulmonar o tipógrafo Franz Hub, que fez parte do quadro tipográfico de alguns jornais de Lisboa, era cunhado de Jaime de Sousa, tipógrafo da Empreza Limitada.

Franz Hub, filho de pais austríacos, era muito estimado pelos seus colegas.

O funeral do desditoso trabalhador gráfico realiza-se hoje, pelas 13 horas, saindo o pésito num fúnebre fúnebre da rua da Palmeira, 40, 2.º, para o cemitério da Ajuda.

Militina Júlia Marques Mota

Na sua residência, travessa de São Plácido, 52, r/c, faleceu ontem a sr. D. Militina Júlia Marques Mota, sogra de Jacinto Carreira Genebra, tipógrafo do Suplemento de *A Batalha*.

O funeral realiza-se hoje pelas 14,30 horas, da morada acima para o cemitério do Alto de São João.

Raúl Duarte

Realizou-se no passado domingo o funeral d'este preimoso camarada, com grande acompanhamento de estivadores, descarregadores de mar e terra, pessoal dos tabacos, metalúrgicos, muitas senhoras e amigos.

Faz-se representar a Associação de Classe dos Pintores de Construção Naval e Anexos.

Coliseu dos Recreios

HOJE às 21 horas HOJE
Espectáculo de sensação

NA JAULA DOS TIGRES
entrará denodadamente

UM JORNALISTA PORTUGUÊS

Segunda apresentação dos magníficos números

Batida Americana — M. de Olga

3 cavalos em liberdade 3

O rei da temeridade OTAGO BILL

e todas as atrações e novidades da

Grande Companhia de Circo

AGREMIAÇÕES VARIAS

Secção portuguesa do Socorro Vermelho Internacional.

Pelo secretário geral do comité cessante do Socorro Vermelho, foi dada posse ao novo comité central desta instituição, recentemente eleito na sua conferência nacional, tendo este comité reunião para a distribuição de cargos que deu o seguinte resultado:

Secretariado geral, José de Sousa; secretário adjunto, Manuel Maia; secretário da imprensa, José Ramos; 1.º vocal, Ernesto Bonifácio; 2.º vocal, José Martins; secretário administrativo, 1.º secretário, Manuel Jorge da Costa; 2.º secretário, Mariano Garcia; tesoureiro, H. Augusto Ferreira. Secretariado de Socorros: secretário jurídico, dr. Fernando Mota; secretário de encarcerados, F. Guillerme de Almeida; secretário de perseguidos e emigrados, H. Caetano de Sousa; secretário de famílias, Francisco Gonçalves; vocal, José de Almeida.

Em seguida foi deliberado instalar ainda esta semana os secretariados e enviar uma saudação aos organismos operários e às organizações do Socorro Vermelho.

O secretariado geral reúne hoje e bem assim o secretariado de socorro.

Segundo informações autorizadas dos espanhóis refugiados em França, Restituto Mogrovejo, que há cerca de dois anos se encontra em Lisboa, é indivíduo contra quem todas as organizações se devem prever.

Tendo arrancado aos ditos refugiados várias quantias, alegando que se destinavam à propaganda, gastou-as em proveito próprio. Para conseguir obter essas quantias constituiu-se num pseudo comité e adquiriu um carimbo que lhe servia para autenticar as burlas que cometia.

Tendo arrancado aos ditos refugiados várias quantias, alegando que se destinavam à propaganda, gastou-as em proveito próprio. Para conseguir obter essas quantias constituiu-se num pseudo comité e adquiriu um carimbo que lhe servia para autenticar as burlas que cometia.

O produto da récita é para fins de beneficência, da própria classe médica.

TEATRO NACIONAL

HOJE

ULTIMA NOITE

COM A MELHOR COMEDIA

AS DUAS METADES

SEVERA

A BATALHA

A luta dos corticeiros parece ir entrar numa fase decisiva

Comunicados da greve

São bem animadores os comunicados que sobre a greve dos corticeiros nos chegam, oente de Alhos Vedros, Seixal, Amora, São Tiago do Cacém, Setúbal, Poco do Bispo, Odemira, Barreiro, Castelo Branco, Sines, Silves, Messines, Aldeagalega e Almada. Em todas estas localidades os grevistas, a-pesar da grande soma de sacrifícios, mantêm inalterável o seu espírito de resistência, todos dispostos a não consentir uma solução vergonhosa d'este movimento. A preocupação dos bravos corticeiros tem sido agora a organização da defesa contra a avassaladora miséria. Assim, em Silves mantêm-se uma simpática cozinha de auxílio aos pequeninos filhos dos grevistas, aos quais, devido à solidariedade que tão exuberante tem sido, é garantido um alimento razoável. No Barreiro foi nomeada uma comissão para recolher donativos, sendo valioso o concurso dos ferrovários.

Das reuniões que se têm efectuado, todas as resoluções são conducentes a persistir na luta até à garantia dos salários de antes da greve.

Por todas estas manifestações continuam a augurar para esta luta um termo vitioso.

Nota do comité da greve

Camaradas:—Ao iniciar a sexta semana de luta e ao constatarmos que continuam animados da melhor disposição de fazer valer a razão e a justiça que estão do nosso lado, o vosso comité saúda-vos. Tópica campanha esta desenvolvida pelos nossos industriais. Apertando-nos num círculo de miséria preparam-se para gosar do nosso regresso às fábricas em situação deprimente, não se apercebendo de que uma derrota nessa seria o descalabro para elas.

Depois de mais de um mês de sacrifícios, enfraquecidos pelas necessidades de alimento revoltados pela atitude afrontosa dos que nos exploram, qual poderia ser, no caso de vencidos, a nossa ação dentro das fábricas?

Que o pensem bem os nossos industriais; a satisfação dás-nos forças novas, ao passo que o desespero nos tolherá e fará ter química pelo trabalho mal remunerado.

A luta parece-nos que irá tomar um aspecto novo, visto que para hoje está marcado um encontro entre a nossa camisão de «démarches» e a comissão dos industriais. Agora mais do que nunca é preciso que todos os grevistas saibam manter uma serena expectativa, confiando no seu próprio esforço e na orientação de O comité.

Nota da comissão de 'démarches'

Esta comissão comunica, tóda a classe que entrevistou a comissão dos industriais, à qual apresentou uma proposta no sentido de chegar a um acordo para a solução do conflito latente, ficando, ela concorde com a referida proposta, resolvendo convocar a reunião a assembleia dos industriais na próxima quinta-feira, para resolver sobre o assunto.

Esta comissão mais uma vez exorta todos os grevistas a manterem-se na mesma atitude como até aqui, confiados nas deliberações da nossa Federação. — A Comissão.

Donativos para os grevistas

Um operário, 5\$; João Inocêncio da Costa, 2\$50; Um grupo de camaradas, 6\$00; Vianais, 2\$00; Metalúrgicos da firma Abel Guedes & Silveira, 24\$50; Alberto Dias, 15\$00; Hácias Marques, 3\$00; Manufacturas de Látilícios de Arrentela por intermédio do Sindicato, 6\$20; José Inácio, 3\$00; Avelino Canhão, 2\$50; Quete de um grupo de sócios da Cooperativa a 2.ª Comuna, 14\$00; M. M., 10\$00; Manuel R. S. L., 10\$00; N. N., 2\$00; Lúcio, 15\$00; António Rodrigues Ferreira, 5\$00; Quete tirada na Oficina Sindicato da Tip., da Ass. dos Compositores, 13\$00; Um grupo de camaradas da Tipografia Ideal, 10\$50; João Maria, 5\$00; N. N., 2\$50; transporte, 52\$490; a transportar, 7\$980.

No Funchal existe um chefe de polícia provocador de desordens

No dia 3 do corrente, os corretores dos hoteis do Funchal ofereceram aos passageiros de 1.ª e 2.ª classe do vapor americano «Presidente Wilson» uma ida à terra com almoço e regresso a bordo, mediante o pagamento de 3 dollars. Alguns passageiros aceitaram, mas depois do regresso os donos das lanchas exigiram mais um dolar o que levantou, por parte dos passageiros fortes protestos contra essa extorsão.

No meio da discussão surgiu o chefe da polícia marítima Leopoldo Alves, que em vez de apaziguar os contendores, ou meter na ordem os exploradores, agrediu um passageiro dando origem a que se produzisse uma grande desordem que ia tanto graves consequências, pois que uma parte dos passageiros eram italianos e poderiam exercer durante a viagem représailles sobre os passageiros portugueses.

O agredido, que era de nacionalidade americana queixou-se ao cônsul que tomou conta da ocorrência, sendo natural que o governo português ainda venha a pagar uma indemnização que sai dos nossos bolos...

Os passageiros italianos da 1.ª e 2.ª classe manifestaram-se contra os portugueses acusando-os de selvagens, como se eles fossem culpados da exploração dos corretores e da selvajaria do chefe da polícia marítima.

Liga dos alunos do colégio Arriaga

Tendo reunido no dia 2 a Comissão Organizadora, no edifício do colégio, deliberou dividir-se em 4 secções: administrativa, filantrópica, festiva e desportiva, apresentando todas elas os seus trabalhos, a-fim de serem submetidos às necessárias emendas na próxima reunião da Comissão, no dia 8 do corrente, às 21,30 horas, para melhor deliberar assuntos da Liga, marcando para dia oportunamente indicado a assembleia geral, de maneira a que compareça o maior número possível de antigos alunos, para a definitiva efectivação dos estatutos.

AS GREVES

A dos tanoeiros de Vila Nova de Gaia

VILA NOVA DE GAIA, 8.—Continua sem solução a greve dos tanoeiros que já dura há 5 semanas. Os exportadores e o governo ainda não tomaram nenhuma decisão tendente a pôr termo a este conflito.

Os exportadores persistem em viver sob o regime do vasilhame de torna-viagem como se ainda estivessem em plena guerra, época em que foi publicada uma portaria autorizando a vinda do vasilhame armado pois que anteriormente ele era reimpedido, mas vinha desarmado, em charuto.

Os operários e os exportadores foram chamados ao governador civil do Porto a fim desta entidade conseguir uma plataforma conciliatória que solucionasse o conflito. Essa tentativa solutionatória foi inutilizado devido à atitude dos exportadores, que se mostraram renitentes declarando perante o governador civil que não queriam nada com operários. Esta atitude indica, claramente, que os exportadores têm a intenção de fazer render os grevistas pela fome.

A G. N. R., obedecendo as ordens dos exportadores ingleses, continua praticando violências, quer prenendo, quer espancando injustificadamente grevistas.

Os industriais continuam, ainda que por detrás da cortina, fazendo o jôgo dos exportadores. O tempo se há de encarregar de os desmascarar.

Os grevistas continuam afirmando nas suas reuniões o desejo de vencer, estando dispostos a sofrer todas as contingências, tudo preferindo a entregarem-se vencidos e humilhados nas mãos dos armadores.

CRISE DE TRABALHO

Sindicato Único Metalúrgico

Ante a aterradora crise que flagela a classe, não pode esta ficar inerte sem que sofra a exploração desenfreada do capitalismo.

Espreitando todos os nossos movimentos, ele procura dar o salto tigrino que nos agrava, mas ainda a vil condição de assalariados. Para que se obste a tal pretensão do capitalismo, é necessário que nos envolvamos numa luta contra o patronato e baixa de salário. Portanto, que todos os metalúrgicos acorram à sessão magna que se realiza hoje, pelas 20,30 horas, na sede do sindicato, rua da Esperança, 122, 2.º. Mais

se convida o pessoal de diferentes oficinas metalúrgicas a nomearem «delegados a uma reunião que terá lugar amanhã, pelas 20,30 horas.

Continua aberta a inscrição dos operários sem trabalho, na sede do sindicato, todos os dias úteis das 20 às 22 horas.

Litógrafos e Anexos

Ontem reuniu o pessoal da litografia Mata, no seu sindicato, para tomar resoluções respeitantes à casa onde trabalham, visto a mesma há pouco ter fechado. Constituiu-se pelo decorrer da reunião, que este pessoal foi readmitido na sua quízica totalidade, com os salários que auferiam até a data do seu encerramento.

O sindicato dos operários litógrafos declara que na sua nota inserta nas colunas da «Batalha» no dia 5 não se refere ao sr. Eduardo Ferreira, director gráfico da revista «Actualidades», mas sim um «alma danada», que tóda a classe conhece e que em todas as reivindicações da classe tem demonstrado o seu rancor pela classe litográfica. Ainda o sindicato declara mais que o sr. Eduardo Ferreira firmou documentos aos seus operários onde declara que não reduz salários aos seus operários mantendo os actuais. Declara que este senhor também ao secretário geral do sindicato que não tem ligações directas ou indirectas com os industriais de litografia, não tendo por isso quaisquer entendimentos sobre diminuição de salários nem outras pretensões dos industriais.

IMPRENSA

«Correio Olhanense»

Entrou no seu 5.º ano o brilhante semanário independente «Correio Olhanense», que se publica em Olhão e do qual é director o sr. Sousa Ferreira. O número comemorativo deste aniversário apresenta um agradável aspecto gráfico e insere escolhida colaboração. As nossas felicitações.

A água do Andaluz

A comissão de defesa da água do Andaluz entregou uma representação à C. M. em que lembra que aquela água foi adquirida pelo Senado em 1524, por trinta mil réis a Fernan Martins, desembargador do Paço Real e proprietário da quinta onde está o poço da nascente. Depois de mais de dois séculos as freiras da Santa Joana reclamaram ao Senado contra o facto de Francisco G. Lima, então possuidor da quinta, tirar a água do poço pararegar a hora e aquela lhes faltara. Em 4 de Abril de 1769, numa ordem ao seu pessoal, mandou o Senado destruir o engenho de nora que estava assento sobre o mesmo poço dizendo que a água era própria do público e não de particular. E assim, no decorrer dos séculos, se fez respeitar o direito da população do uso livre da água.

A representação frisa ainda o facto, recente, de ser a Câmara que mandou proceder, por sua conta, às obras de beneficiação do poço da nascente, e quando estas estavam a concluir pela construção da abóboda que deve cobrir o poço referido aparece o actual proprietário do quintal onde este se encontra, a exigir que a Câmara mande colocar uma bomba na referida abóboda para os locatários do quintal tirarem a água para uso privado.

Protesta a comissão contra essa pretensão por parte do proprietário do quintal, que não tem particular. E assim, no decorrer dos séculos, se fez respeitar o direito da população do uso livre da água.

A 14 horas, palestra pelo camarailler Santos Arranha sobre «O valor da associação», seguindo de matinée pelo Grupo Dramático da Construção Civil, que representará «O triunfo», em 1 acto, e «Um ano depois», comédia em 1 acto.

Funcionará uma quermesse durante os intervalos, para a qual se espera ainda a oferta de brindes. A entrada é livre.

Esta festa será abrillantada por duas bandas de música.

Secção Telegráfica

Federações

JUVENTUDES SINDICALISTAS

N. J. S. de Évora.—Continuamos esperando pela resposta. Não recebemos nem antes nem depois do dia 2, conforme mandastes dizer delegado.

CARTA DE COIMBRA

A selvajaria dum industrial e uma proesa da G. N. R.

Acabam de nos relatar um facto que indigna pelos requintes de ferocidade manifestados por um senhor industrial, criatura que, aliás, ainda há bem poucos anos era um simples trabalhador e como tal sofreria as privações que, no geral, atingem todos os assalariados.

Parce que não se lembrando disso, este senhor, uma vez estabelecido, começou logo a manifestar uma completa ausência daquela sensibilidade inata em todo o homem de sentimentos, pois a sua oficina ficou logo sendo olhada como uma autêntica roca, devido aos actos de violência ali praticados a pessoal.

Segundo as informações que nos dão, o pessoal daquela oficina escusa de esperar qualquer espécie de consideração, pois na sua oficina apenas se conservam aqueles operários que se limitam a ser máquinas de produção.

Relatamos o caso:

Na última terça-feira, na oficina de metalúrgica de António Ferreira Galinha, sita as Escadas do Liceu, estando a trabalhar o operário Júlio Guedes, de 20 anos de idade, residente no Calhau, na reparação de qualquer peça para um automóvel, o patrão sem motivo algum—cremos que estava dando de qualquer explicação sobre o trabalho—briou a sua exposição a conclusão de que actualmente na Rússia não existe nem liberdade, nem igualdade, essas duas únicas aspirações que, em todos os tempos, têm levado as massas eslavas, amantes da paz e da tranquilidade, a lançarem-se em lutas crueldades e dolorosas contra aqueles que violentamente as oprimem e as exploram.

Politicamente, segundo as suas palavras, só domina na república dos sóviets a vontade rígida do partido comunista.

É elle que faz, e ganha por processos habilidosamente estudados, todas as eleições, tal como entre nós o partido democrático, que nas mesmas condições se encontra semelhante.

Não é lá permitida a existência dum oposição, não havendo, por conseguinte, liberdade de reunião ou de expressão de pensamento. É aplicada a mais rigorosa censura a todas as publicações, censura que até se exerce nos correios, e à saída do país.

Mas ao mesmo tempo que se torna a propagada a verdade, dada-se, por outro lado, ampla liberdade no domínio religioso à propagação da mentira.

Neste domínio até quais se pretende fundar um novo culto à volta da divindade leninista, conservando-se o cadáver embalsamado do famigerado ditador cercado dum verdadeiro aparato teatral, de forma a impressionar o espírito inculto da massa popular, e a mantê-la naquele embrulhamento próprio à resignação e à submissão que os senhores desejam que exista na mente dos escravos.

E economicamente nada existe também ali realizado que de longe mereça o nome de socialismo, havendo, ao lado das Cooperativas do Estado, empresas industriais particulares, explorando os trabalhadores sob o mesmo regime do salário dos países capitalistas.

Mas, a pesar de considerar todos estes fenómenos bastante graves, o sr. César Pórtio declarou que o actual regime marcou um progresso em relação ao passado. E a comprovar esta sua afirmação, indicou entre outros como exemplos: a reforma de ensino—embora ainda também cheia de dogmas—e a liberdade de se poderem publicar livros em língua não russa, o que não existia no tempo do tsarismo. No entanto, não acrescentou se isto era uma conquista das massas revolucionárias ou transfiguração com elas dos actuais governantes, ou se era obra espontânea e sincera dos ditadores bolchevistas.

Na exposição dos factos observados, o orador acompanhou de explicações e comentários, houve para nós uma lacuna: foi a de não fazer uma distinção fundamental entre o movimento revolucionário das massas e as suas consequências, dum lado, e a ação do governo dos comissários do povo, do outro. Não se fazendo essa distinção, dá-se lugar a confusões e a que se atribuem às vezes ao governo bolchevista, quando em realidade é ação do seu próprio regime.

Portanto, um dos factores que o orador apresentou como uma atenuante da obra pouco socialista dos marxistas russos, é pelo contrário uma formidável condenação dos processos reacionários, e portanto anti-progressistas, por elas usados depois da conquista do poder.

Por exemplo, disse o sr. César Pórtio que o governo teve muitas dificuldades a vencer, primeiro que pudessem realizar a sua obra transformadora; e entre essas dificuldades referiu-se às guerras civis. Ora, é preciso notar-se, que houve lutas intestinas, como a dos makhnovistas na Ucrânia, que foram únicamente da responsabilidade dos bolchevistas e cuja sufocação representou um retrocesso para a revolução.

Portanto, um dos factores que o orador apresentou como uma atenuante da obra pouco socialista dos marxistas russos, é pelo contrário uma formidável condenação dos processos reacionários, e portanto anti-progressistas, por elas usados depois da conquista do poder.

Desde que o assunto da conferência trouxe uma certa feição crítica, entendemos que o orador, para se manter no terreno da imparcialidade, devia ter levado a análise dos fenómenos observados até mais longe.

Assim, ao constatar o fracasso da experiência marxista na Rússia, logo que se abriu a fazer várias interrogações para o explicar, era lógico que também perguntassem: «será o retrocesso dos bolchevistas ao burguesismo no comércio e na pequena indústria a realização das previsões feitas por Bakunin de que o socialismo jámás se realizará pelos processos autoritários preconizados por Marx?»

Para que realmente a conferência corresponda absolutamente às palavras de neutralidade com que o orador a precedeu a modo de preâmbulo, achamos que se devia ter limitado a lembrar: 1.º que na Rússia durante a conflagração europeia os trabalhadores tinham derrubado o regime de Kerensky aos gritos de: «Abaixo a guerra!» «Paz imediata!» «A terra para os camponeses, a fábrica para os operários!» «Todo o poder para os soviés!»; 2.º que nessa ocasião os marxistas tinham subido ao poder aceitando e proclamando esses preços revolucionários; e em seguida então relatar o que disto havia sido realmente realizado.

Quanto aos comentários, às explicações e às justificações, seriam depois feitas para si pelos ouvintes, conforme a sua ideologia, as suas convicções e os seus conhecimentos dos fenómenos sociais.

De contrário—desde o momento que não se proceda a uma análise profunda de todos os factores, estranhos à vontade do partido bolchevista, que concorrem para o que de bom tem a actual situação da Rússia, é fácez, sem querer, propaganda favorável a

CONFÉRENCIAS

Universidade Popular Portuguesa

Na sede desta Universidade, rua Particular, à rua Almeida e Sousa, realiza-se hoje, pelas 21 horas, uma conferência subordinada ao tema